

PF revela estrutura de espionagem bolsonarista

A HORA DA VERDADE

ESTADO PARALELO

De software a agente infiltrado, PF aponta como governo Bolsonaro buscou vigiar adversários

PATRIK CAMPOREZ, PAOLLA SERRA E EDUARDO GONÇALVES

As operações recentes envolvendo o ex-presidente Jair Bolsonaro e seus aliados mais próximos trouxeram à tona indícios de que o antigo governo lançou mão de uma estrutura paralela de inteligência com monitoramento de viagens de autoridades, infiltração de agentes e uso de programa espião. Todo esse aparato, segundo apontam investigações da Polícia Federal, foi operado para espionar adversários políticos e minar o processo eleitoral em 2022, com o objetivo de manter o ex-mandatário no poder.

Esse núcleo de inteligência paralela, conforme revelam os inquéritos, tinha duas frentes de atuação. A primeira envolvia uma atividade mais informal desempenhada por auxiliares próximos do ex-presidente, responsáveis por levantar informações clandestinas para ajudar na "consumação do golpe de Estado". A segunda era encabeçada pela Agência Brasileira de Inteligência (Abin) e pelo Gabinete de Segurança Institucional (GSI), que coletavam dados do interesse pessoal de Bolsonaro sobre adversários.

A existência de uma "Abin paralela" foi apontada, em março de 2020, pelo ex-secretário geral da Presidência Gustavo Bebianno, que rompeu com Bolsonaro no início do governo. Em entrevista ao "Roda Viva", ele afirmou que o vereador Carlos Bolsonaro, filho do ex-presidente, não confiava na agência de inteligência. A desconfiância foi abordada pelo próprio Bolsonaro em uma reunião ministerial em abril daquele ano.

Sistemas de informações, o meu funciona. O meu particular funciona. Os que tem oficialmente, desinforma — disse ele, na ocasião.

A defesa do ex-presidente disse que ele não "atou ou conspirou contra a Constituição e o estado democrático de direito". A Abin e o GSI não se manifestaram, mas, anteriormente, já informaram que colaboram com as apurações.

Um dos alvos centrais do núcleo de inteligência paralela era o ministro Alexandre de Moraes, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e integrante do Supremo Tribunal Federal (STF). O magistrado era responsável por conduzir o processo de votação em 2022 e pelos principais inquéritos envolvendo o ex-presidente e seu entorno.

De olho nisso, o tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro, e o coronel Marcelo Câmara, que também assessorava o então presidente, trocavam informações sobre os passos de Moraes. Em dezembro de 2022, os dois conversaram em mensagens sobre os votos dele entre Brasília e São Paulo — as via-



Fora das quatro linhas. Investigações da PF indicam que Bolsonaro se aproveitou de uma estrutura paralela de informações para monitorar adversários

te à Abin que levantasse informações sobre Hugo "Pollo" Carvalho, ex-chefe da inteligência da Venezuela no governo de Hugo Chávez. O militar é acusado pelos Estados Unidos de ter se associado com grupos criminosos para exportar drogas. Boatos de WhatsApp, que chegaram a Bolsonaro, davam conta de que Carvalho financiava a esquerda latinoamericana, incluindo o PT, o que nunca foi comprovado. O objetivo dessa investida era desgastar a imagem de Lula na campanha.

A Abin também foi utilizada para levantar informações sobre outros adversários de Bolsonaro. Em março de 2023, O GLOBO revelou que a agência usava o FirstMile, um programa secreto israelense, para monitorar, sem autorização judicial, a localização de celulares.

DOSSIÊS E ESCUTA

A arapongagem na Abin também envolveu dossiês sobre Moraes e o ministro do STF Gilmar Mendes, segundo a PF. Além disso, há indícios de que a agência vigiou o atual titular da Educação, Camilo Santana, quando era governador do Ceará, e o então presidente da Câmara, Rodrigo Maia.

Entre julho de 2019 e março de 2022, a agência foi chefiada pelo delegado Alexandre Ramagem. Ao assumir o comando da Abin, Ramagem montou um gabinete paralelo formado por policiais federais que faziam apurações do interesse de Bolsonaro. A PF investiga se um dos destinatários das informações seria Carlos Bolsonaro, que nega qualquer irregularidade. Ramagem afirma que nunca forneceu dados confidenciais aos Bolsonaro enquanto esteve na Abin.

Outro episódio investigado pela PF envolve um suposto plano de bisbilhotar os e-mails de Moraes. Em depoimentos, o hacker Walter Delgatti disse ter sido contratado pela deputada Carla Zambelli (PL-SP) para invadir as contas do ministro, em setembro de 2022, um mês antes da eleição. Delgatti afirmou ter conversado com Bolsonaro, por telefone e presencialmente. Tanto o ex-presidente como Zambelli negam.

A tentativa de tumultuar o processo eleitoral também teria sido tratada em uma reunião entre Bolsonaro, o senador Marcos Do Val e o ex-deputado Daniel Silveira, no Palácio da Alvorada, em dezembro de 2022. Na versão do senador, os interlocutores pediram que ele gravasse uma conversa presencial com Moraes para tentar descobrir algo que incriminasse o magistrado e provocasse uma crise política. Em uma mensagem, Silveira relata a Do Val que tinha "escutas usadas pelas operações 'espectrais'" e um "veículo receptor que pode imediatamente re-produzir além da gravação". Silveira e Bolsonaro negam.

RELEMBRE OS CASOS



"Abin paralela"

No ano passado, O GLOBO revelou o uso de um programa secreto pela Abin de 2018 até meados de 2021. A PF identificou que a ferramenta foi utilizada para monitorar adversários do governo Bolsonaro. Ex-chefe da Abin, Alexandre Ramagem, e o vereador Carlos Bolsonaro foram alvos da PF.



ALEXANDRE RAMAGEM



CARLOS BOLSONARO



Grampo contra Moraes

Em dezembro de 2022, o então deputado Daniel Silveira e o senador Marcos Do Val teriam encontrado com Bolsonaro. Segundo Do Val, foi pedido a ele que gravasse encontro com o ministro Alexandre de Moraes para descobrir algo que o incriminasse, e que equipamentos da Abin seriam usados.



DANIEL SILVEIRA



MARCOS DO VAL



Ataque hacker

O hacker Walter Delgatti Neto contou à PF ter sido procurado pela deputada Carla Zambelli (PL-SP), em setembro de 2022, para que fraudasse as urnas e invadisse o e-mail de Moraes, o que não foi cumprido. Zambelli chegou a levar Delgatti a reuniões com Valdemar Costa Neto e Bolsonaro.



WALTER DELGATTI NETO



CARLA ZAMBELLI



Infiltração de agentes

Em reunião em 5 de julho de 2022, Augusto Heleno (GSI) disse que conversou com o então diretor-adjunto da Abin para "infiltrar agentes nas campanhas eleitorais". Bolsonaro interrompeu a fala e disse que conversariam "em particular" sobre o que a Abin estava fazendo.



AUGUSTO HELENO



Núcleo de inteligência

Em despacho, Moraes revelou um núcleo de inteligência paralela composto por Heleno, Mauro Cid e Marcelo Câmara. Este grupo teria monitorado Moraes, para capturá-lo e prendê-lo após um decreto de golpe. O grupo teve acesso, segundo a PF, ao itinerário de voos do ministro em dezembro de 2022.



MAURO CID



MARCELO CÂMARA

Declarações

Um belo dia o Carlos Bolsonaro aparece com um nome de um delegado federal e três agentes que seriam uma Abin paralela. Isso porque ele não confiava na Abin. Não aconselhamos o presidente a não fazer aquilo porque também seria motivo de impeachment

Sistemas de informações, o meu funciona. O meu particular funciona. Os que tem oficialmente, desinforma. E voltando ao tema, prefiro não ter informação a ser desinformado em cima de informações que eu tenho

GUSTAVO BEBIANNO, EX-SECRETÁRIO GERAL DA PRESIDÊNCIA, AO RODA VIVA, EM MARÇO DE 2020



JAIR BOLSONARO, EM REUNIÃO MINISTERIAL, EM ABRIL DE 2020



**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Política **Página:** 4